

Yoga na Educação & Sensibilização Ambiental



Gabriela Estevam

Trabalho apresentado na disciplina de Yoga na Aprendizagem II, ministrada pelo professor Diego Arenaza, no Centro de Ciências da Educação, UFSC Florianópolis, 2015.

INTRODUÇÃO

Vivemos atualmente uma crise civilizatória, crise da modernidade, do pensamento, dos valores e dos relacionamentos, que resulta em um desequilíbrio planetário e que requer o desenvolvimento de relações mais apropriadas com a natureza dentro e fora de nós mesmos, tendo como elo essencial o diálogo amoroso e pacífico, para que possamos garantir a continuidade das condições necessárias para a Vida (incluindo a humana) no planeta Terra.

Como aponta o Relatório Planeta Vivo (2012), a demanda por recursos naturais (alimentos, água, energia e matérias primas, bem como espaço para infraestrutura) dobrou desde 1966, e hoje leva 1,5 ano para a Terra regenerar os recursos renováveis consumidos pelos seres humanos e absorver os resíduos de CO₂ que eles produzem a cada ano. Segundo as projeções tendenciais, nossa espécie vai precisar do equivalente a dois planetas Terra até 2030 para atender às nossas demandas anuais.

Dentre os inúmeros impactos que causamos à Terra, pode-se destacar a destruição da camada de ozônio, a fauna e flora ameaçadas, o efeito estufa, a chuva ácida, o excesso de lixo, a poluição do ar, das águas e dos solos, o gasto excessivo de energia e de água nas fases de produção, consumo e descarte de produtos, os perigos de esgotamento dos recursos minerais não renováveis, entre outros. De acordo com o Relatório Planeta Vivo (2012), as cinco maiores pressões diretas causadas pela espécie humana em relação ao restante do planeta são: a perda, alteração e fragmentação de habitats; a superexploração de populações de espécies selvagens; a poluição; a mudança climática e a introdução de espécies invasoras.

“O sistema capitalista, baseado no consumismo, exige que a natureza e os bens que dela derivam sejam considerados/assumidos/sentidos como mercadorias, como bens, objetos, coisas destinadas à venda” (TIRIBA, 2005). O modelo educacional vigente, ao manter esta visão utilitarista, estimula nas crianças a ilusória separação entre ser humano e natureza, de modo que a nova geração já desde muito cedo é direcionada a ver a natureza somente como fonte de recursos e bem-estar humano. Tal forma de enxergar o mundo, entretanto, está colocando em risco a nossa própria condição de existência, pois, como é dito e vivido pelos povos ancestrais há muito tempo, o ser humano é somente uma das partes da Terra, e cada parte é essencial para manutenção da vida no planeta.

(...) todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo.

O que ocorrer com a Terra recairá sobre os filhos da Terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo. (Carta enviada pelo cacique Seattle da tribo Suquamish, do Estado de Washington, ao presidente Franklin Pierce, dos Estados Unidos, em 1855, quando o governo americano desejava comprar o território indígena)

Esta também é a ideia central da teoria de Gaia, elaborada em 1979 pelo cientista James Lovelock e pela microbiologista Lynn Margulis. Para eles, o planeta Terra é um superorganismo vivo, capaz de criar e manter as condições necessárias para continuação da vida, que é a essência do ser vivo inteiro - Gaia.

Segundo a hipótese colocada nesta teoria, o meio ambiente mudou devido ao comportamento dos seres vivos que o habitam e à sua interação com o entorno, enquanto outras teorias falam de adaptação dos organismos a um ambiente determinado.

A primeira pista que levou Lovelock a teoria de Gaia surgiu quando a NASA procurava saber como seria possível reconhecer a vida em outro planeta - questão esta que não poderia ser respondida através da biologia ou da geologia convencionais. O cientista passou, então, a considerar a composição química da atmosfera dos planetas e a fazer comparações entre elas. Percebeu que, diferentemente dos vizinhos Marte e Vênus, que possuem atmosferas muito próximas ao estado de equilíbrio químico (dominadas pelo dióxido de carbono, com proporções muito pequenas de oxigênio e nitrogênio), a Terra (sabidamente um planeta com vida) tem uma atmosfera dominada pelo nitrogênio e pelo oxigênio, com apenas vestígios de dióxido de carbono, muito abaixo da expectativa da química planetária. Existem gases instáveis como o óxido nitroso e gases, como o metano, que reagem prontamente com o oxigênio abundante. “A extraordinária improbabilidade da atmosfera da Terra revela a presença da mão invisível da vida”, diz Lovelock (1991).

Os organismos vivos produzem e utilizam quase toda a mistura de gases daquilo que chamamos atmosfera e estão sempre alimentando-a com novas remessas assim que as usam e à medida que ela queima quimicamente a si própria. Essa atividade de seres vivos sempre mantém a atmosfera no equilíbrio exato para que a vida na Terra continue (SAHTOURIS, 1998).

Além deste, existem diversos outros exemplos de relações interdependentes no planeta Terra - desde os níveis de ecossistemas até o nível celular -, que criam e mantêm as condições ótimas para a existência da vida. Assim, entende-se que somos apenas partes do superorganismo Terra e, da mesma forma que acontece com o corpo humano, em que cada célula desempenha funções individuais e que, juntas, formam tecidos, órgãos, sistemas, que são essenciais para o funcionamento e equilíbrio do corpo, o mesmo ocorre com as espécies e ambientes do planeta Terra, que se relacionam e interagem para manter o sistema único e complexo que é Gaia. A espécie humana, sendo somente uma das partes do superorganismo Terra, ao se relacionar de forma competitiva, egoísta e desarmônica com as demais partes, está causando um grande desequilíbrio.

Como aponta Morin (2010), a consciência e o sentimento de pertencermos à Terra são vitais atualmente. O enraizamento desta consciência é o que possibilitará o desenvolvimento de um sentimento de religião e intersolidariedade, imprescindível para civilizar as relações humanas e, assim, possibilitar a nossa permanência no planeta.

A transformação da realidade começa pela transformação dos indivíduos, desde a mais tenra infância, e é a educação a principal ferramenta de mudança. Sendo as crianças a espécie que se renova na Terra e se considerarmos que a atual crise civilizatória decorre do modo como nos relacionamos com nós mesmos, entre nós e nossos semelhantes, entre nós e as demais espécies e entre nós e o planeta como um Todo, surge a pergunta: o que queremos que se renove? O que vale a pena manter e o que é melhor transformar? Quais posturas devemos estimular nas crianças para que realmente haja uma renovação da espécie humana na Terra?

De acordo com Micheline Flak:

O ser humano, quando chega ao mundo, não está terminado. A educação tem por objetivo desenvolver suas potencialidades para levá-lo à compreensão de seu lugar na Terra e de seus vínculos com o Universo. A escola não tem por finalidade fazer de nós somente profissionais, mas também pessoas em evolução ao longo da vida.

É necessário que se busquem mecanismos que propiciem o fortalecimento e a formação de valores, para que ocorra a evolução de relações mais gentis e benignas. Dentro desta perspectiva de ação, é importante que a visão utilitarista da natureza seja redirecionada para a ideia de pertencimento a um complexo vivo único, inseparável e indivisível do indivíduo e do coletivo: o planeta Terra (LOVATTO, 2011), pois, como afirma Arne Naess: *o cuidado flui naturalmente se o “eu” é ampliado e aprofundado de modo que a proteção da natureza livre seja sentida e concebida como a proteção de nós mesmos.*

É importante destacar, porém, que para que haja uma real sensibilização ambiental é preciso colocar as crianças em *contato direto* com a natureza, porque “elas não podem aprender a amar e preservar alguma coisa que não conhecem”, como afirmou Lea Tiriba, em reportagem divulgada pela Agência Brasil (2012). Segundo ela, “nos grandes centros urbanos, as escolas substituem gramados naturais por sintéticos, as crianças andam sempre de tênis, elas não podem brincar com água e com o pé no chão. O processo de ensino hoje é centrado no racional. A criança senta na cadeira e aprende da cabeça para cima”.

A autora continua dizendo que as propostas básicas de uma educação ambiental são válidas não apenas para o sistema de ensino, mas para toda a população. “A visão que temos hoje do mundo é fragmentada. Se pedirmos a um grupo de pessoas para desenhar a natureza, a grande maioria vai desenhar pássaros, árvores, água, montanhas, rios, mas o ser humano não aparece no desenho. A partir da Revolução Industrial foi se constituindo uma concepção de mundo que separa seres humanos e natureza. Isso não é uma característica das culturas tradicionais e da própria sociedade ocidental na época da Idade Média, em que a própria ciência não rompia com a ideia de um ser humano apartado da natureza”.

A falta de contato com a natureza reflete na saúde das próprias crianças, como apontado em um estudo realizado pela BBC, em 2012. Divulgado na reportagem *Crianças e natureza, um vínculo indispensável*, no site mandalaescola.org, o estudo apontou que transtornos como estresse e agressividade são relacionados ao chamado “transtorno do déficit da natureza” (nature deficit disorder), expressão que foi cunhada em 2005 pelo autor Richard Louv, que argumentou que o reflexo da “alienação da natureza” na humanidade foi medido em “diminuição do uso dos sentidos, dificuldades de atenção e maiores taxas de doenças emocionais e físicas”.

Neste contexto, o presente plano de aula apresenta uma sugestão de abordagem que incentiva a sensibilização ambiental, baseando-se na metodologia elaborada por Micheline Flak e Jacques de Coulon – Yoga na Educação – onde, através de exercícios propostos pelos autores e utilizando-se o pensamento ancestral/teoria de Gaia para embasar tais exercícios, espera-se que ocorra a harmonização do indivíduo e do grupo e o resgate da consciência de que compartilhamos um planeta com as demais espécies, sendo necessário o cuidado e o respeito com tudo aquilo que nos cerca, o que favorecerá a aprendizagem e propiciará relacionamentos mais benignos dentro e fora do ambiente escolar.

OBJETIVOS

Este plano de aula tem o objetivo de estimular reflexões sobre o pertencimento da espécie humana ao planeta Terra e, conseqüentemente, da necessidade de cuidado com tudo aquilo que nos cerca.

METODOLOGIA

Os exercícios utilizados serão baseados na metodologia criada por Micheline Flak e Jacques de Coulon, chamada de Yoga na Educação, onde os princípios básicos do Yoga de Patanjali foram adaptados para o contexto de ensino e aprendizagem com pequenas sequências de exercícios físicos, respiratórios e mentais.

Patanjali foi quem, em uma data incerta, codificou o Yoga Clássico escrevendo o Yoga Sutra, composto por 196 aforismos que fundamentam a filosofia do yoga e que podem ser considerados como um mapa da alma. O descobrimento de nossas potencialidades físicas e mentais faz-se por 8 etapas cuidadosamente programadas, todavia, no Yoga na Educação, não estão incluídas as duas últimas etapas por tratarem-se especificamente à ampliação da consciência e

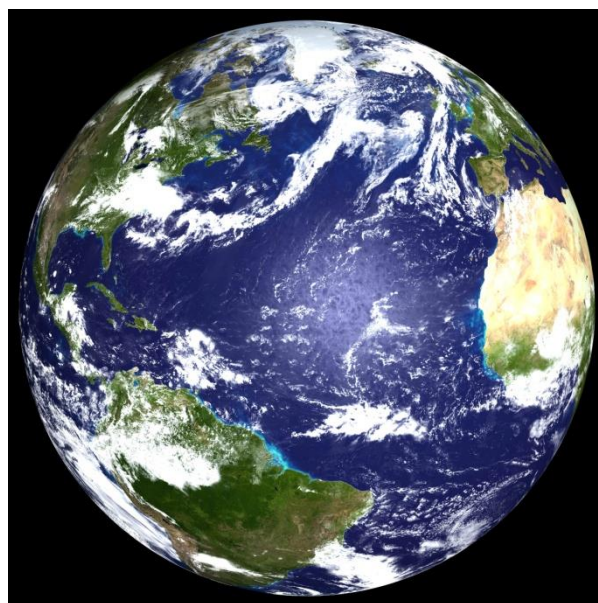
espiritualidade já que, infelizmente, estes importantes aspectos não são abordados nos currículos de ensino das escolas públicas (ARENAZA, 2003).

Para o plano de aula em questão, a reflexão inicial será feita a partir da leitura de um trecho da carta escrita pelo cacique da tribo Suquamish ao presidente Franklin Pierce, dos Estados Unidos, em 1855, quando o governo americano desejava comprar o território indígena:

“(…) Isto sabemos: a terra não pertence ao homem; o homem pertence à terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo. O que ocorrer com a Terra recairá sobre os filhos da Terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo”.

É importante que se fale sobre a forma como os povos ancestrais se relacionavam e se relacionam com a natureza, o respeito e a compreensão que possuíam e possuem sobre a interdependência existente no planeta e de como temos muito que aprender com eles.

Realizar-se-á, em seguida, a comparação entre o organismo humano e o superorganismo Terra, onde ambos possuem diversas partes que têm suas funções específicas (coração, sangue, pulmão, estômago, etc. – águas, ar, animais, plantas, etc.) e que também dependem umas das outras para manter o equilíbrio e a saúde do Todo.



(imagens da internet)

Neste momento serão realizados alguns exercícios leves nas articulações e na coluna para manter a saúde do organismo humano, garantindo a flexibilidade e aumentando a circulação sanguínea (Yoga na Educação - Etapa 2: Eliminar as toxinas e os pensamentos negativos).

Em seguida, para criar um ambiente mais leve e acolhedor e incentivar o bom relacionamento e a harmonização do grupo, será proposto que os participantes sentem em círculo e abracem a pessoa que está ao seu lado – com a duração de três respirações profundas - resgatando a compreensão de que ambos são partes da Terra (Yoga na Educação – Etapa 1: Viver Juntos).

Será oferecida a opção de permanecer sentado ou de deitar-se para ouvir a história dos Guerreiros do Arco-Íris: A Profecia (em anexo). Antes de iniciar a história, porém, será estimulada a respiração consciente, favorecendo a atenção/concentração e beneficiando o funcionamento do cérebro e dos órgãos do corpo (Yoga na Educação – Etapa 4: Respirar bem para manter a calma).

Em seguida será feito um processo de interiorização, orientando os participantes a prestarem atenção nos sons mais distantes até os mais próximos, como o som da própria respiração (Yoga na Educação – Etapa 5: Saber relaxar para manter um bom nível de energia).

Contar-se-á, então, a história “Os Guerreiros do Arco-Íris: A Profecia” (em anexo) que foi inspirada na profecia feita há mais de 200 anos, por Olhos de Fogo, uma velha indígena Cree, que alertava: “Um dia a Terra vai adoecer. Os pássaros cairão do céu, os mares vão escurecer e os peixes aparecerão mortos nas correntezas dos rios. Quando este dia chegar, os indígenas perderão seu espírito. Mas vão recuperá-lo para ensinar ao homem branco a reverência pela sagrada terra. Aí, então, todas as raças vão se unir sob o símbolo do arco-íris para terminar com a destruição. Será o tempo dos Guerreiros do Arco-Íris.”

Após retornar do processo de relaxamento, agora prestando-se atenção nos sons mais próximos até os mais distantes, será solicitado que cada participante expresse seus pensamentos e emoções acerca da história contada, através da elaboração de desenhos e/ou comentários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora pesquisas tenham provado que nunca é tarde demais para a transformação da nossa biologia e do nosso caráter, estudos atuais têm enfatizado a importância dos primeiros anos de vida na formação de duradouros padrões de pensamento e ação. Sendo assim, é imprescindível que se desperte nas crianças e nos jovens uma consciência de espécie capaz de reconhecer e respeitar o valor intrínseco da existência de cada parte da Terra, bem como buscar o equilíbrio e a paz interior para estabelecer a convivência pacífica no nível individual e coletivo, baseando-se em valores como compaixão, empatia e união.

É valioso que tais valores sejam estimulados na escola, pois acredito que pode haver uma verdadeira revolução na sociedade através da repetição desses hábitos, que acabarão por criar outras

bases para os relacionamentos humanos e substituirão os valores que os tem baseado atualmente (competição, egoísmo, natureza reduzida a “recursos”, etc.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“A Carta do Cacique Seattle, em 1855”. Disponível em: <www.culturabrasil.org/seattle1.htm>. Acesso em 03.07.2015

ARENAZA, D. O yoga na sala de aula. Disponível em: <<http://yoga.ced.ufsc.br/files/2013/09/O-yoga-na-sala-de-aula.pdf>> Acesso em: 03.07.2015

ERHARDT, G. Crianças e natureza: um vínculo indispensável. Disponível em: <www.mandalaescola.org/criancas-e-natureza-um-vinculo-indispensavel/> Acesso em: 03.07.2015

ESTEVAM, G. Uma outra relação com a Terra: despertando o amor e o cuidado com o planeta. (Trabalho não publicado). Matinhos, PR. 2014.

FLAK, M. & COULON, J. Yoga na educação: integrando corpo e mente na sala de aula. Florianópolis: Comunidade do Saber, 2007. 144 p.

LOVATTO, P.B., ALTEMBERG S. N., CASALINHO H., LOBO E. A. Ecologia profunda: o despertar para uma educação ambiental complexa. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 3, p. 122 – 137, set/dez 2011.

LOVELOCK, J. As eras de gaia: a biografia da nossa Terra viva. Rio de Janeiro: Campus, 1991. 236 p.

MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 128 p.

SAHTOURIS, E. A dança da vida. In: NICHOLSON, S.; ROSEN, B. A vida oculta de Gaia: a inteligência invisível da Terra. São Paulo: Gaia, 1998.

TIRIBA, L. Crianças, natureza e educação infantil. Tese (doutorado), PUC-Rio, Departamento de Educação. Rio de Janeiro, 2005.

VIRGILIO, P. Ambientalistas e autores de livros infantis sugerem que educação das crianças se volte mais à sustentabilidade. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-04-25/ambientalistas-e-autores-de-livros-infantis-sugerem-que-educacao-das-criancas-se-volte-mais-sustentab>> Acesso em: 03.07.2015

WWF – Fundo Mundial para a Natureza. Relatório Planeta Vivo 2012 – a caminho da Rio+20, 2012.

ANEXO

OS GUERREIROS DO ARCO-ÍRIS

A Profecia

Autora: Gabriela Estevam

Arunii era uma jovem indígena que morava em uma linda floresta com a sua grande família: a Tribo do Sol.

Faziam parte da tribo os demais indígenas e também as árvores da floresta, os animais, as águas e as terras.

Arunii adorava correr pelas matas, sentindo a terra sob seus pés e o vento em seus cabelos. Ela sabia que tanto a terra, como o vento, gostavam disso também.

A menina conversava com os beija-flores e com as borboletas e também com os macacos e os tucanos.

Era tudo muito colorido e bonito na floresta onde vivia a Tribo do Sol. E todos viviam com amor.

Certo dia, porém, Arunii observou que sua avó olhava preocupada para o céu. Ela olhou para cima e viu que uma nuvem muito escura estava se aproximando.

Correu até a avó e, antes que pudesse comentar sobre a tempestade que se aproximava, a sábia indígena disse:

“Tempos difíceis virão, Arunii...”

E Arunii a tranquilizou:

“Não tenha medo, vovó. As tempestades vem e vão.”

A sábia indígena sorriu e, desviando o olhar da escura nuvem, olhou bem nos olhos da menina e falou:

“Sim, minha querida, você tem razão. Mas a tempestade que virá vai durar mais do que as que estamos habituadas. Serão tempos difíceis para a Terra.”

Arunii, que era jovem, não compreendeu o que a avó queria dizer com aquilo. A velha mulher a pegou pela mão e disse: “Vamos dar uma volta...”

“Mas, vovó, não é melhor irmos nos proteger da tempestade que está vindo?”

“Faremos isso, minha querida, você verá...”

Arunii, como sempre, confiou na avó, que era considerada a mais sábia da tribo por ter uma relação muito especial com a Natureza.

As duas seguiram por uma bela trilha, rodeada por grandes árvores que balançavam suas folhas, ansiosas pela chuva que se aproximava. Os pássaros cantavam alto, avisando uns aos outros de que era hora de voltarem para os ninhos.

Elas diminuíram o passo e a avó de Arunii disse:

“Arunii, você ainda é muito jovem, mas haverá o momento em que você terá de passar uma mensagem muito importante para os demais integrantes da Tribo do Sol.”

A menina ouvia com atenção. A sábia indígena continuou:

“Haverá uma época em que a Terra ficará muito doente. Suas águas ficarão muito sujas e os seres vão sofrer porque, como você sabe, ninguém vive sem água limpa. O ar também não será mais puro como é hoje, haverão nuvens escuras de sujeira e os seres ficarão doentes por terem de respirar um ar tão poluído. Haverá também muita sujeira no solo; veneno na comida; sofrimento e dor para muitos seres da Terra...”

Arunii, assustada, parou e disse:

“Por que isso vai acontecer, vovó? Somos tão felizes assim, com água limpa, abrigo, alimento e ar puro para respirar! Temos os nossos irmãos bichos e nossas irmãs plantas e ninguém sofre... Vivemos tão bem aqui...”

“Sim, minha querida, vivemos muito bem aqui porque amamos a Natureza... Cuidamos dela e ela cuida de nós”

“Mas então por que vão acontecer essas coisas tão ruins?!”

A sábia mulher sentou em uma pedra e colocou Arunii em seu colo. A abraçou e disse:

“Arunii... A Terra é muito grande. Ela é a nossa casa, mas também é casa de muitos outros seres... E alguns deles, em um momento, vão querer tomar para si as riquezas da Terra...”

“Quem, vovó?”

“Integrantes da nossa própria espécie, minha querida. Os seres humanos.”

Neste momento, o som de um trovão ressoou na floresta. – CABRUMMMMM

A menina tinha lágrimas nos olhos e elas começaram a cair no mesmo momento que a chuva.

Arunii olhou para cima e, em silêncio, agradeceu à bela árvore que as protegia das gotas, com grandes folhas. Olhou para a avó e disse:

“Não entendo, vovó. Por que alguém faria isso?”

“Observe a Natureza, Arunii, perceba a harmonia que existe neste planeta.”

A sábia indígena indicou uma linda flor que estava próxima. Ela era amarela e, em seu interior, havia um tom alaranjado muito forte. Era a flor da árvore de grandes folhas que as estava protegendo da chuva.

“Como você sabe, as plantas não andam. Para terem seus ‘filhotes’, que são as sementes, contam com a ajuda de animais muito pequeninos que levam seu pólen – ela sacudiu a flor e, dela, caiu um fino pozinho amarelo – até as outras flores e, assim, as sementes podem nascer. Em troca, as plantas dão alimento para esses animais.”

“Para esta flor, em especial, há um único tipo de abelha que pode ajudá-la neste processo: a abelha vermelha, que você tanto admira!”

“Você pode imaginar o que aconteceria se todas as abelhas vermelhas desaparecessem?”

Arunii, com a voz baixinha, respondeu: “Não haveria mais dessas árvores...”

“Sim, querida, exatamente. E você sabe o que aconteceria se existissem muitas e muitas abelhas vermelhas?”

A menina balançou a cabeça, negativamente.

“Não haveria alimento para as demais espécies de abelhas, que acabariam morrendo e fazendo desaparecer outras plantas que não teriam como produzir sementes...”

Arunii não disse nada. Olhava, quietinha, para a flor.

“A Natureza é tão sábia, minha querida, que cria tudo na medida certa. Existe um equilíbrio magnífico no planeta Terra, onde todos os seres dependem uns dos outros para alcançarem a harmonia...”

“Se algo fica em desequilíbrio, afeta todas as outras coisas, porque está tudo interligado aqui dentro da Terra...”

“O mesmo acontece dentro do nosso corpo, Arunii: se você não respirar direito não vai poder correr muito, embora corra com as pernas e não com os pulmões; se você tiver dor de barriga não irá poder subir nas árvores, mesmo que seus braços continuem fortes; se você não comer não terá energia para nadar no rio, pois estará fraca e, se comer muito, não conseguirá ainda assim, pois seu corpo ficará pesado. Para manter a saúde você precisa respirar, comer, dormir, brincar... Tudo em equilíbrio.”

A jovem indígena olhou para a avó. Aguardava uma explicação do motivo pelo qual os seres humanos faziam tantas coisas ruins acontecerem. A sábia mulher, vendo a pergunta nos olhos de Arunii, falou:

“Também deve haver equilíbrio entre nossa cabeça e nosso coração, Arunii. Se utilizarmos mais o coração do que a cabeça, podemos nos tornar muito ingênuos, e outros podem se aproveitar disso. Se usarmos mais a cabeça do que o coração podemos nos tornar insensíveis, malvados e egoístas...”

“Escute bem, Arunii: haverá um tempo em que alguns seres humanos vão utilizar mais a cabeça do que o coração. Eles desejarão poder, a qualquer custo. Vão se iludir ao se considerarem como donos da Terra e, vivendo esta ilusão, irão querer possuir as riquezas do planeta. Irão criar sofrimentos, tristezas, muita poluição...”

Lágrimas rolaram pelo rosto da pequena indígena. Delicadamente, sua avó as secou, dizendo:

“Mas também neste tempo, haverá quem deseje ajudar a Terra. Será o tempo dos Guerreiros do Arco-Íris, que se lembrarão de usar o coração, acessando o amor que sentem pelo planeta! Se lembrarão de que pertencem à grande família terrestre e de que, aqui, tudo depende de todos.”

Arunii tinha os olhos brilhantes de lágrimas, mas olhava para a avó atentamente.

“A maioria dos Guerreiros do Arco-Íris serão crianças, Arunii, como você é hoje. Para vocês, é sempre mais fácil se recordar da ligação que possuem com a Terra, pois carregam esse amor dentro de vocês, é natural. Serão as crianças que irão salvar a Terra. Você deve lembrar-se disso e repassar esta mensagem, Arunii, pois logo eu não estarei mais aqui.”

A menina a encarou, assustada.

“Não se preocupe, querida, me refiro a estar neste corpo. Estarei aqui, sim, mas de outras formas. Você saberá, quando chegar a hora.”

“Tenho medo, vovó.” – disse a jovem indígena.

“Não tenha medo, Arunii. O medo faz com que só vejamos o lado ruim das situações. Fique em silêncio, ouça a sua voz interior. Você não estará sozinha. Lembre-se de que o amor é mais forte do que qualquer coisa e que, ao oferecê-lo para a Terra, você receberá o mesmo dela. Um novo mundo surgirá depois disso, minha querida. Graças aos Guerreiros do Arco-Íris...”

xxx

E por muito tempo a profecia dos Guerreiros do Arco-Íris foi repassada de geração em geração. Arunii a contou para sua filha, que contou para a sua filha, que contou para sua filha... E, agora, é chegada a hora. A Terra precisa de ajuda. Agora é o tempo dos Guerreiros do Arco-Íris.

FIM